

A produção sustentável do campo

Wagner Rossi¹

O mundo demanda cada vez mais alimentos. De acordo com estimativas da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), o planeta tem hoje 1 bilhão de famintos. O mundo precisa de comida, e o Brasil pode ter uma participação decisiva para atenuar essa situação.

Neste ano de 2011, o Brasil prepara-se para colher a maior safra de grãos da história e quebrar um novo recorde na produção, caso sejam confirmadas as previsões e as estimativas oficiais. A produção deve superar 154 milhões de toneladas de grãos no ciclo 2010/2011. É um resultado expressivo, que confirma o salto dado pela agricultura brasileira nos últimos 50 anos. O País é hoje um dos principais fornecedores de proteína no mercado internacional de alimentos. E podemos fazer mais.

Esse desempenho só vem sendo conquistado pelo papel decisivo dos produtores brasileiros, bem como das linhas de financiamento fornecidas pelo governo federal e da capacidade de inovação e de liderança das pesquisas dos cientistas brasileiros. O Brasil está entre os maiores produtores de comida do planeta, exportando a 212 destinos, em 194 países. E ainda garante o abastecimento do mercado interno de todos os produtos do cardápio do brasileiro, com exceção do trigo, cujas importações ainda chegam à metade da nossa produção.

Não é uma questão de ufanismo tolo. É a realidade. E isso só foi conquistado nas últimas

décadas. Em 1960, quando o Brasil tinha uma população estimada em 70 milhões de habitantes, a colheita de grãos foi de 17,2 milhões de toneladas de grãos em uma área de 22 milhões de hectares de terra. Naquela época, a produtividade era de 783 kg/ha.

Números mais recentes mostram uma mudança significativa. Em 2010, a relação de produtividade foi de 3.173 kg/ha: um incremento de 774% em 50 anos. A produção chegou, na última safra, a 150,8 milhões de hectares. É um bom resultado, mas ainda modesto perto do potencial da nossa lavoura e pecuária. É preciso avançar mais, ampliando investimentos em pesquisas e estimulando as boas práticas agrônômicas que garantem sustentabilidade e produtividade.

É preciso reconhecer que tal processo já deu resultados. Foi o que permitiu ao Brasil manter-se à frente num mercado altamente competitivo como é o dos principais países produtores de alimentos. E não há volta. Os baixos índices de utilização das técnicas modernas e dos insumos disponíveis na década de 1960 é coisa do passado. Naquele período, o que prevalecia era a adubação orgânica à base de dejetos dos animais, ou de resíduos agrícolas e compostagem, ou o uso de defensivos naturais, ou, então, de fórmulas de elevada toxicidade. As sementes eram crioulas, e os grãos tinham baixa germinação, apresentavam defeitos mecânicos e eram contaminados. Era comum misturar

¹ Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

grãos provenientes de diversas origens. Isso não é mais possível.

Hoje, o Brasil está na vanguarda mundial da pesquisa para a produção de alimentos. Em pleno século 21, a tecnologia é adaptada e dominada pelos nossos bravos cientistas. E é exatamente por isso que o País está entre aqueles que detêm os mais altos índices de produtividade, com ganho médio anual acima de 5%.

Para se ter uma ideia da precariedade das técnicas antigas, se as práticas dominantes hoje fossem aquelas dos anos 1960, seria necessário ampliar em mais 145 milhões de hectares as terras para as áreas de cultivo. O País precisaria de, pelo menos, triplicar sua área destinada à produção de grãos. O mesmo na pecuária, cujos investimentos consumiriam outros 259 milhões de hectares de terra para pastagens, mantidas as condições de criação bovina e bubalina daquela época. Ora, em 50 anos, a área de pastagem cresceu 39%, enquanto o rebanho aumentou 251%.

Em 1960, o Brasil tinha 122,3 milhões de hectares para um rebanho de 58 milhões de cabeças de gado. A produtividade era de 0,47% cabeça por hectare. Agora, a área de pastagem é de 170 milhões de hectares, para um rebanho de 204 milhões de animais. A produtividade dobrou. É claro que agora o País precisa ampliar a eficiência e a competitividade na produção de carnes, incluindo a melhoria de pastagens, a correção de solo, a adubação, o manejo e a seleção de variedades de capim, além da própria genética animal. Isso sem falar na própria recuperação das terras usadas para pastagem.

É exatamente por isso que é necessário levar em consideração que é o domínio do co-

nhecimento científico, aliado à realidade do campo, mais a garantia de recursos pelo governo federal para o financiamento da produção e a persistência do fazendeiro que permitem à agricultura nacional obter sucessivos recordes.

Em 2010, o governo colocou à disposição do produtor rural cerca de R\$ 116 bilhões. Isso não apenas garantiu a quebra de recorde da safra como permitiu exportar os excedentes de nossa produção para o mundo. As exportações do setor chegaram no ano passado a US\$ 76 bilhões, garantindo o superávit na balança comercial. Na safra atual, as estimativas mais conservadoras apontam um novo patamar para as exportações: US\$ 85 bilhões.

Tendo em vista tais condições, é possível proclamar, em alto e bom som, que o modelo atual da agricultura brasileira é sustentável e um dos mais competitivos do mundo. Embora, claro, sejam necessários mais investimentos e a construção de uma agricultura que assegure produtividade e sustentabilidade. Por isso, o governo vem dando apoio e incentivando os produtores a adotar tecnologias que assegurem, por exemplo, a baixa emissão de carbono na produção de alimentos. Vem daí o programa Agricultura de Baixo Carbono (ABC), lançado em 2010, que pode vir a dar uma contribuição consistente para assegurar tais resultados.

Os dados demonstram que a história recente da agricultura brasileira traduz-se em benefícios, com geração de mais empregos, maior contribuição ao desenvolvimento, mais alimentos e riqueza, além do compromisso com o meio ambiente. Hoje e no futuro, a agricultura será, cada vez mais, um contrapeso às ameaças produzidas pelas mudanças climáticas.